

Danos sociais e econômicos da “epidemia” do crime

Criminalidade e violência afetam a competitividade das empresas e o ambiente dos negócios, retardando o progresso do Brasil, escreve Fernando Pimentel



Articlista afirma que a Operação Fim da Linha enfatizou a gravidade dos problemas no Brasil com a segurança pública; na imagem, objetos apreendidos na operação

Fernando Valente Pimentel
21.abr.2024 (domingo) - 5h54

A operação Fim da Linha, do Ministério Público de São Paulo, que prendeu integrantes do crime organizado e investigou o uso de empresas de ônibus urbanos para a lavagem de dinheiro, enfatizou a gravidade dos problemas no Brasil referentes à segurança pública. Enfrentamos uma “epidemia”, que:

- mata milhares de pessoas por ano;
- provoca imensos prejuízos materiais;
- afasta investimentos nacionais e estrangeiros;
- prejudica o turismo; e
- provoca imensos danos à economia e à imagem global do país.

Em agosto de 2023, escrevi um artigo "[O amargo preço da violência](#)", no qual alertava sobre a premência de políticas de Estado mais amplas e eficazes de combate à criminalidade, problema crônico e grave, que intimida e dissemina o terror em nossa sociedade.

Os números são de um cenário de guerra: em 2022, segundo o [Monitor da Violência do G1](#), o país teve 41.100 mortes causadas por homicídios, latrocínios e lesões corporais. Além do irreparável aniquilamento das vidas, o Brasil perdeu, naquele ano, R\$ 410 bilhões em decorrência do mercado ilegal, de acordo com o [FNCP](#) (Fórum Nacional Contra a Pirataria e a Ilegalidade).

Em consequência dessa grave situação, as empresas gastam R\$ 171 bilhões por ano com sistemas e medidas de segurança privada. O valor representou 1,7% do [PIB](#) nacional em 2022, último ano com os dados disponíveis. A informação está no [Atlas da Violência](#), elaborado pelo [Ipea](#) (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

O problema é muito complexo e não tem solução pronta, mas exige uma mobilização mais robusta e responsável do poder público, incluindo a União, Estados e municípios. As causas são muitas, da exclusão socioeconômica e precariedade do ensino gratuito até as ações do crime organizado e o tráfico de drogas e armas, que atuam cada vez mais como máfias e se estruturam em Estado paralelo mantido pelo poder das armas e imposição do medo.

Por isso, é necessária uma ação articulada multidisciplinar, com estratégias de curto, médio e longo prazo para o combate e repressão.

A criminalidade e a violência também afetam a competitividade das empresas e o ambiente dos negócios, principalmente nesse momento em que o parque fabril está mobilizado no sentido de promover o fomento, a modernização e os ganhos de produtividade. Consciente de que o setor, como observou-se em outros países, é fundamental para o crescimento econômico sustentado e a melhoria da renda e do bem-estar da população, é grande a expectativa de que a NIB (Nova Indústria Brasil) consiga contemplar esses objetivos.

Tem 2 aspectos, já citados aqui, que dificultam a conquista dessas metas:

- o desestímulo aos investimentos e as altas despesas com segurança;
- a restrição do mercado, por causa da concorrência ilegal com produtos advindos de roubos, descaminho, contrabando e empresas que só existem para lavar dinheiro.

Outro efeito colateral gravíssimo da criminalidade é a perda de talentos e recursos humanos, pois muitos profissionais, de diferentes áreas, pesquisadores e cientistas, buscam imigrar para viver e trabalhar em paz.

O Brasil tem potencial para crescer e alcançar elevado patamar de desenvolvimento, considerando suas dimensões territoriais e seu mercado com 200 milhões de habitantes. O país, ainda, tem recursos naturais, reservas hídricas, indústria diversificada e competente, agronegócio avançado e um moderno setor de serviços.

Infelizmente, o crime é um dos fatores que retardam nosso progresso e não podemos mais nos resignar à intervenção da violência em nossa trajetória como povo e nação.

autores



Fernando Valente Pimentel

Fernando Valente Pimentel, 69 anos, é formado em economia e administração de empresas pela Universidade Candido Mendes. É presidente emérito e diretor-superintendente da Abit (Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção). Atua no setor têxtil e de confecção desde 1977, tanto no mercado nacional quanto internacional.



nota do editor: os textos, fotos, vídeos, tabelas e outros materiais iconográficos publicados no espaço "opinião" não refletem necessariamente o pensamento do Poder360, sendo de total responsabilidade do(s) autor(es) as informações, juízos de valor e conceitos divulgados.